

Particípios duplos: inserção de vocabulário¹

(Double participles: vocabulary insertion)

Aline Garcia Rodero

Universidade de São Paulo (USP)

alinegr@usp.br

Abstract In this paper, we re-analyze the double participles presented in Lobato (1999). We organize a paradigm exhibiting active voice (with *ter*) and passive (with *ser* and *acabar*), and we divide those double participles into five different groups. Following the architecture of the grammar considered by the Distributed Morphology (DM) approach (HALLE; MARANTZ, 1993), we identify the properties in the double participles and try to explain their distribution in the different paradigms, syntactically. For this, we use the idea of blocking in DM, which differs from the view of the same phenomenon in the lexicalist models. In DM, blocking is seen as the effect of both Vocabulary Insertion (a more specified item is preferred to a less specified one) and the combinatory processes operation (merge).

Keywords: Blocking; Distributed Morphology; double participles, synthetic passive; periphrastic passive.

Resumo: Neste trabalho, analisamos os particípios duplos (PDs) apresentados em Lobato (1999). Montamos um paradigma com voz ativa (com *ter*) e passiva (com *ser* e *acabar*), e dividimos aqueles PDs em cinco grupos distintos. Conforme a arquitetura da gramática assumida pelo modelo teórico da Morfologia Distribuída (MD) (HALLE; MARANTZ, 1993), buscamos identificar as propriedades presentes nos PDs e procuramos explicar, sintaticamente, a distribuição dos mesmos nos paradigmas em questão. Para tanto, nos valemos do conceito de *blocking*, visto na MD de uma forma diferente daquela abordada em modelos lexicalistas, ou seja, como o efeito do mecanismo de Inserção de Vocabulário (em que um item mais especificado tem preferência em relação a outro com menos especificações, bloqueando-o); e a operação de processos combinatórios (concatenação).

Palavras-chave: *Blocking*; Morfologia Distribuída; particípios duplos, passiva sintética; passiva perifrástica.

1. Introdução

Observamos os particípios duplos (PDs) em português brasileiro e constatamos que eles têm um comportamento muito mais variado do que prediz a gramática normativa (BECHARA, 2000). Primeiramente, a gramática normativa espera que os particípios regulares ocorram, frequentemente, na voz ativa com os auxiliares *ter* e *haver*, enquanto que os irregulares ocorram, frequentemente, na passiva com os auxiliares *ser*, *estar* e *ficar*.

Conforme o conjunto de dados que expomos abaixo, podemos afirmar que esse comportamento, dito ser o que *em geral* ocorre, não é mais frequente do que os demais comportamentos analisados. Mostramos que os PDs podem ser divididos em cinco grupos distintos e cada qual tem uma grande frequência de ocorrência. Na verdade, dos 55 PDs analisados,² que são aqueles discutidos em Lobato (1999), apenas seis deles aparecem nesse padrão dito pela gramática normativa ser o que *em geral* ocorre. Todos os demais apresentam comportamentos diferentes.

¹ Agradeço à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo financiamento da pesquisa.

² Neste artigo, apresentamos apenas um representante de cada Grupo.

Para a análise dos PDs, montamos nosso paradigma com o auxiliar *ter*, para ilustrar a voz ativa, e com os auxiliares *ser* e *acabar*, para ilustrar a passiva. A escolha desses auxiliares foi feita de forma que pudéssemos observar o comportamento de *acabar* nesses contextos, pois acreditamos que a análise dos PDs pode corroborar nossa análise do *acabar* como auxiliar da passiva, comparando-o com o comportamento de um auxiliar mais comum para a formação da voz passiva, o *ser*, e com um exemplo de voz ativa, o *ter*. Classificamos, então, os PDs em questão como segue:

Grupo A – o particípio regular ocorre na voz ativa, com o auxiliar *ter*, enquanto o particípio irregular ocorre na voz passiva, com os auxiliares *ser* e *acabar*.

- (1) a. O frentista tinha **secado**/***seco** o carro.
- b. O carro foi ***secado/seco** pelo frentista.
- c. O carro acabou ***secado/seco** (pelo frentista).³

Esses exemplos, que chamamos de Grupo A, mostram a ocorrência dita ser o que *em geral* ocorre com particípios duplos nos contextos de voz ativa e passiva, porém, observamos mais quatro grupos com configurações diferentes, em oposição ao Grupo A, como mostramos a seguir:⁴

Grupo B – o particípio irregular pode ocorrer na ativa, com o verbo *ter*.

- (2) a. O grupo B tinha **ganhado/ganho** a partida.
- b. A partida foi ***ganhada/ganha** pelo grupo B.
- c. A partida acabou ***ganhada/ganha** (pelo grupo B).

Grupo C – o particípio irregular ocorre também na ativa e o regular na passiva.

- (3) a. A noiva tinha **entregado/entregue** o convite.
- b. O convite foi **entregado/entregue** pela noiva.
- c. O convite acabou **entregado/entregue** (pela noiva).

Grupo D – o particípio regular ocorre na passiva com *ser* e *acabar*, e o irregular fica agramatical com *ser*, mas não com *acabar*.

- (4) a. O menino tinha **murchado**/***murchado** o balão.
- b. O balão foi **murchado**/***murchado** pelo menino.
- c. O balão acabou **murchado/murchado** (pelo menino).

³ A maior parte dos dados considerados teve uma das suas formas (ativa com *ter*, passiva com *ser*, ou *acabar*) retiradas de sites encontrados pelo buscador do Google, alguns dados tiveram uma das formas colhidas ao acaso, e, depois, as outras formas foram derivadas dessa para fins de nossa análise. Depois que formamos o conjunto de dados: fizemos uma busca no Google para ver se cada particípio era utilizado com alguma frequência; demos nosso próprio julgamento de gramaticalidade; e, aplicamos um teste (com os PDs em ordem alfabética, sem distratores) à um grupo de 10 pessoas (universitários e professores, nascidos em São Paulo), com o objetivo de verificar se os resultados de gramaticalidade aos quais tínhamos chegado até aquele ponto poderiam ser corroborados pelo julgamento de gramaticalidade desses falantes nativos.

⁴ Gostaríamos de deixar claro que não é de nosso interesse avaliar os dados de forma quantitativa. Este trabalho não tem fundamentos sociolinguísticos.

Grupo E – ambas as formas do participio duplo são gramaticais na passiva.

- (5)
- a. O menino tinha **cegado**/***cego** o amigo.
 - b. O menino foi **cegado**/**cego** pelo amigo.
 - c. O menino acabou **cegado**/**cego** (pelo amigo).

Ainda identificamos um sexto grupo que mostra dados apresentados como PDs por Lobato (1999), mas que, na verdade, já não são mais usados como PDs em português brasileiro (PB), portanto não consideramos esse “sexto grupo” como parte de nosso conjunto de dados.

Grupo F – não formam PDs em PB.

- (6)
- a. O noivo tinha **quitado**/***quite** o apartamento.
 - b. O apartamento foi **quitado**/***quite** pelo noivo.
 - c. O apartamento acabou **quitado**/***quite** pelo noivo.

Através do comportamento dos dados observados, pudemos chegar às seguintes generalizações:

I- O que é “tradicionalmente esperado” é o que ocorre no grupo A: os participios regulares são frequentemente usados na voz ativa com os auxiliares *ter* e *haver*, enquanto os participios irregulares são usados na voz passiva com os auxiliares *ser*, *estar* e *ficar* (e também *acabar*, como mostramos), porém a distribuição dos PDs vai além disso, trazendo outras quatro configurações possíveis em que os PDs podem figurar.

II- Entre os cinco grupos constatados observamos o seguinte comportamento: (i) os verbos da primeira conjugação se distribuem em todos os grupos; (ii) os verbos da segunda conjugação se distribuem apenas entre os grupos A, C e E; e (iii) os verbos da terceira conjugação se distribuem apenas entre os grupos C, E e F.

A descrição dos dados feita até agora nos sugere as seguintes questões:

1- Por que há formas dos PDs comportando-se de maneira diferente do esperado? Eles apresentam propriedades diferentes das dos PDs “tradicionais”, apresentados no grupo A? Se sim, que propriedades são essas? Elas explicam o uso dos PDs fora dos contextos “esperados”?

2- Por que os verbos da primeira conjugação ocorrem em todos os grupos enquanto os da segunda e terceira conjugações são mais restritos? Há alguma propriedade dos verbos da segunda conjugação que os faz compatíveis apenas com os grupos A, C e E; e nos da terceira conjugação apenas com C, E e F?

A presente pesquisa se fundamenta no modelo teórico da Morfologia Distribuída, um dos desenvolvimentos da Teoria Gerativa que assume que a formação de palavras e sentenças se dá no único componente gerativo da arquitetura da gramática, o componente sintático. Nesse sentido, vamos investigar a hipótese de que o que está por trás das perguntas formuladas acima parece envolver uma análise dos traços presentes nos Itens de Vocabulário (IVs) que são inseridos nos terminais sintáticos ao

fim de cada derivação, em cada grupo.⁵ Pretendemos investigar se há manipulação de traços, nos casos em que os PDs se comportam de forma diferente do “esperado”, e casos de bloqueio nas formas que se comportam como o “esperado”, como no Grupo A. Assim, pensamos em usar o conceito de *blocking* (ou *bloqueio*) para nossa análise.

Teorias Lexicalistas assumem que *bloqueio* ocorre em casos em que uma forma esperada não é realizada devido à existência de uma outra forma. A Morfologia Distribuída não considera que esses casos envolvem *bloqueio* por competição entre palavras ou entre uma palavra e uma frase. Para esse modelo, *bloqueio* é o efeito de dois mecanismos: o mecanismo de Inserção de Vocabulário (em que um item mais especificado tem preferência em relação a outro com menos especificações, bloqueando-o) e a operação de processos combinatórios (concatenação). Logo, são esses mecanismos que vão compor nossa análise que apresentamos adiante.

O trabalho se divide como segue: na seção 2, mostramos o trabalho de Lobato (1999) e algumas questões que ainda permanecem abertas depois dele; na seção 3, trazemos uma breve resenha sobre o modelo teórico adotado, a Morfologia Distribuída (MD), incluindo um trabalho desenvolvido dentro desse modelo que será relevante para nossa análise; na seção 4, mostramos uma tentativa de análise para nossos dados apresentados, dentro do modelo da MD; e na seção 5, apontamos as conclusões parciais deste trabalho.

2. Ponto inicial: Lobato (1999)

Os dados que Lobato considera nesse trabalho são 55 participios duplos (PDs) que têm uso verbal. Os PDs apresentam duas formas de participio passado para o mesmo verbo, uma delas é a dita regular (arizotônica – com vogal temática verbal portadora do acento tônico. Ex: *expulsado/ pegado*), e a outra irregular (rizotônica – sem uso de vogal temática verbal e com acento sobre o radical. Ex: *expulso/ pego*),⁶ fato esse que a autora diz que se mantém inexplicado.

Lobato mostra existirem três tipos de formação morfológica de participio passado no português. Todos apresentam a sequência [Vacentuada + C + V]⁷ diferindo apenas na sua localização dentro da palavra: 1- [...]_{Radical} + [Vacentuada + C + V], essa é a sequência que aparece na formação de participios regulares, ou arizotônicos, de todas as conjugações, como, por exemplo, *aceitado* ou *resolvido*; 2- [...Vacentuada... + C]_{Radical} + V], essa sequência aparece na formação de participios irregulares, ou rizotônicos, da 1ª conjugação, como *aceito* ou *cego*; 3- [...Vacentuada...]_{Radical} + C + V], essa sequência também aparece na formação de participios irregulares, ou rizotônicos, porém, apenas nas 2ª e 3ª conjugações, como *aceso*, *emerso* e *vinda*.

Com base no estudo de Said Ali (1966) que defende que as formas irregulares não são reduções das regulares, a autora afirma que, “se não há relação derivacional entre as duas formas de participio que um mesmo radical verbal gera, tem de estar havendo algum processo mais abstrato que leva à produção das duas” (LOBATO, 1999, p. 2). Então, ela propõe que os traços usados na derivação morfofonológica dos participios são os mesmos usados na sua interpretação semântica e acredita que uma teoria que incorpore traços formais seja capaz de responder às diversas perguntas que

⁵ Veja *handouts* de aulas disponíveis na página pessoal de Marantz para mais detalhes de *blocking* na MD.

⁶ Veja mais observações sobre as formas dos PDs em Wlodek (2003).

⁷ Onde V = vogal e C = consoante.

ela levanta a respeito da formação dos PDs e dos demais verbos que geram participípios únicos também.

A seguir, colocamos as questões que Lobato (1999) levanta a partir desses PDs, para as quais tentaremos trazer mais argumentos nas próximas seções através de nossa análise, considerando o mecanismo de Inserção de Vocabulário da MD e fazendo especulações acerca dos traços formais que devem estar envolvidos na formação dos participípios.

Primeiramente, a autora aponta que os participípios se dividem em três classes: 1) verbos para os quais só existe a forma arrizotônica – *aborrecer/ aborrecido, amar/ amado*; 2) verbos para os quais só existe a forma rizotônica – *dizer/ dito, escrever/ escrito*; e 3) verbos para os quais ambas as formas existem (os PDs) – *aceitar/ aceitado/ aceito, despertar/ despertado/ desperto*. Então, ela traz uma primeira questão: o que determina a realização morfológica do participípio português como arrizotônico e/ou rizotônico?

Lobato (1999) diz que parece ser o radical, e não o tema, o elemento determinante para a formação dos participípios, já que as três conjugações formam PDs. Quanto ao acento, a informação pertinente não pode estar restrita ao radical, já que o acento primário leva em consideração a palavra morfológica como um todo, logo, reformula a questão anterior de forma que não se refira ao acento: que tipo de informação presente no radical verbal determina a realização morfológica do participípio português?

A partir desse ponto, ela tenta encontrar evidências indicadoras “(i) da existência de caráter determinístico relativo na realização morfológica do participípio português e (ii) da existência de informações subjacentes levadas em conta pela língua nessa realização morfológica”, ainda, ela aponta que “a proposta do artigo é que essas informações subjacentes correspondem a uma certa configuração estrutural dos elementos de base construtores de estruturas (no sentido amplo da palavra, abrangendo construção morfológica e sintática) – os traços formais” (LOBATO, 1999, p. 3).

Pertencer à primeira conjugação não impede a formação de participípio irregular, mas força a possibilidade de formação de participípio regular. Daí a segunda questão: por que todo radical que no infinitivo se associa à vogal temática verbal –*a* leva à derivação necessária da forma arrizotônica de participípio?

A autora ainda aponta mais algumas questões das quais não vamos tratar nesse artigo. E, então, a hipótese explicativa levantada por Lobato é “[...] que existe uma estrutura de traços abstratos subjacente aos itens lexicais e que um participípio rizotônico é formado quando o próprio radical verbal já é associado com certo traço (ou certos traços) característico(s) da interpretação de participípio” (1999, p. 7).

Ainda, ela aponta que os PDs não são sinônimos perfeitos, mesmo se considerarmos as formas *aceitado/ aceito*, e *entregado/ entregue*, que a autora mostra como exemplos de maior aproximação entre as duas formas, não há sinonímia perfeita, o que é confirmado pela diferente escolha de auxiliares *ter, ser e estar*. Então, ela supõe que os pares de PDs “sejam portadores de traços tais que permitem a dupla derivação, cada uma com sua interpretação. A dupla derivação seria então consequência da própria configuração estrutural de traços abstratos do radical” (LOBATO 1999, p. 7).

Ela aponta que uma teoria que incorpore traços formais seria capaz de responder às diversas perguntas que ela deixa em aberto no decorrer desse trabalho, pois não há ainda uma teoria fonológica ou morfológica capaz de explicar as questões levantadas.

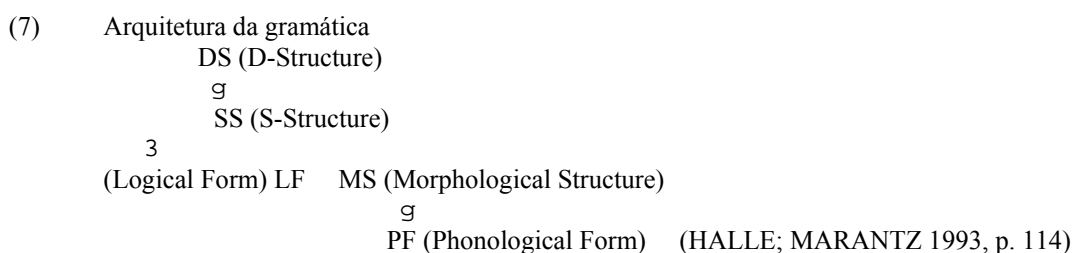
Uma análise dos traços formais presentes na formação dos três tipos de participio ainda precisa ser feita, assim a autora deixa em aberto a questão central do artigo: quais são esses traços formais?

3. Morfologia Distribuída

Nesta seção falaremos brevemente sobre o funcionamento da Morfologia Distribuída (MD) (HALLE; MARANTZ, 1993, 1994 e trabalhos subsequentes), que é o modelo que buscamos utilizar para dar conta de nossos dados.

A MD é um dos desenvolvimentos mais recentes da Teoria Gerativa, que assume que a formação de palavras e sentenças se dá no único componente gerativo da arquitetura da gramática, o componente sintático. Não há, nesse modelo, um componente lexical com caráter gerativo. O que, em modelos anteriores, era resolvido no léxico, na MD é distribuído pelos outros componentes da gramática.

A gramática é organizada como mostra a figura abaixo. A Estrutura Morfológica (MS, do inglês *Morphological Structure*) faz interface com a sintaxe e com a fonologia. A fonologia é vista como o componente interpretativo que realiza representações sintáticas fonologicamente.



Há três propriedades centrais que definem essa teoria: Inserção Tardia – categorias sintáticas são puramente abstratas, não têm conteúdo fonológico. A expressão fonológica dos nós terminais sintáticos é inserida apenas no mapeamento para a Forma Fonológica (PF, do inglês *Phonological Form*); Subespecificação de Itens de Vocabulário – as expressões fonológicas não precisam ser completamente especificadas para as posições sintáticas onde vão se inseridas. Os Itens de Vocabulário (IVs) podem ser formas *default* inseridos quando um item mais especificado não estiver disponível; e Estrutura Hierárquica Sintática *All The Way Down* – elementos dentro da sintaxe e da morfologia entram nos mesmos tipos de estrutura constituintes.

Em Halle e Noyer (1999), eles consideram três listas na estrutura da gramática: Lista 1, que é um conjunto de traços formais que serão manipulados pela sintaxe; Lista 2, que compreende os IVs, expoentes fonológicos com contextos de inserção, que relacionam feixes de traços morfossintáticos a feixes de traços fonológicos; e Lista 3 ou Enciclopédia, que relaciona IVs a significados, é uma lista de idiomas da língua, cujo significado não se dá por sua estrutura morfossintática. A sintaxe opera (*move e merge*) sobre os traços morfossintáticos selecionados do inventário disponível. Os IVs competem para inserção nos nós terminais e o item mais especificado ganha essa competição.

Dentro desse modelo teórico encontramos um trabalho relevante para a análise de nossos dados: Embick (2007). Apresentamos uma resenha desse trabalho na subseção a seguir.

3.1 Embick (2007)

Embick começa esse trabalho mostrando o conceito de *blocking* visto por Aronoff (1976), na Teoria Lexicalista (TL): *blocking* é usado para se referir a casos em que uma forma esperada não é realizada devido à existência de uma outra forma. Palavras que são irregulares em algum aspecto são listadas no léxico, e essas palavras listadas no léxico podem bloquear aquelas derivadas por regras. A TL diferencia a formação de palavras da formação de sentenças. Embick aponta que um problema para essa teoria é que há casos onde formas analíticas, construídas por derivações sintáticas, alternam com formas sintéticas, criadas por regras no Léxico.

Alternâncias entre palavras e objetos sintáticos maiores (frases) parecem ser compatíveis com o tratamento sintático para a morfologia (tratamentos não-lexicalistas). Na Morfologia Distribuída (MD), um único sistema é responsável por gerar todos os objetos, com uma ou duas palavras, de forma que as alternâncias (sintético/analíticas) não representam problemas. Então, ele levanta a seguinte questão: a arquitetura da MD traz uma análise na qual o grupo de alternâncias sintético/analíticas é propriamente descrito (faz previsões empíricas corretas)? Embick mostra que, para a MD, as operações de Forma Fonológica (PF) que são relevantes para questões morfológicas são: (i) Linearização: um grupo de processos que define a ordem linear na estrutura hierárquica gerada pela sintaxe; e (ii) Inserção de Vocabulário: um processo que traz conteúdo fonológico para núcleos funcionais, que são considerados feixes de traços sem conteúdo fonológico na derivação sintática.

Há alguns contextos em que *blocking* explica o desvio putativo, como *stealer* relativo a *thief* (*blocking* semântico ou sinônimo), ou a alternância sintético/analítica, como *smarter* que bloqueia **more smart*. O autor procura demonstrar como podemos dar conta dos efeitos de *blocking* em uma abordagem sintática para a morfologia. Na MD, há diferentes mecanismos que dão conta dos tipos de bloqueio apontados acima, tais como: Inserção de Vocabulário e regras que especificam operações de movimento.

(8) Dois tipos de interação:

(B1) Regra de aplicação em um único nó: Um Item de Vocabulário mais específico prevalece sobre um menos específico. Ex: inserção de *-t* que precede o expoente *default -ed*, em T[past] no contexto de $\sqrt{\text{LEAVE}}$.

(B2) Aplicação combinatória: Todas as formas complexas envolvem estrutura sintática. Por exemplo: *smart*, *smart-er*, **more smart*; *intelligent*, **intelligent-er*, *more intelligent*, não envolve aplicação de regra em um único nó terminal, mas sim uma regra de natureza combinatória, o que implica que no mínimo dois nós estão envolvidos.

A regra (B1) envolve competição entre os IVs associados com diferentes expoentes. Competição é restrita à determinação de formas fonológicas de um único nó. Há uma lista na gramática com dois IVs diferentes que inserem *-t* e *-ed*, em T[past] no contexto de $\sqrt{\text{LEAVE}}$, e cada um desempenha um papel na derivação da forma de alguns objetos gramaticais. Não há competição no nível do *output*, de forma que objetos maiores como palavras não competem entre si. Por exemplo: *tak-en* e **tak-ed* – *tak-en* existe como resultado de uma derivação particular e não tem existência independente

em uma lista como IVs que insere *-(e)n* em certas estruturas participiais. A forma **tak-ed* não é derivada.

No caso de (B2), não há competição entre regras que existem em uma lista, nem há comparação de opções (de *output*). Há sim uma regra combinatória que se aplica quando suas condições estruturais são encontradas. Assim, *intelligent-er* e *more intelligent* não existem em uma lista que é consultada para inserção, nem a gramática gera ambas as formas para depois selecionar a vencedora. Em vez disso, a sintaxe e a PF geram uma estrutura que, depois da Inserção de Vocabulário, recebe a forma fonológica *more intelligent*.

As regras de (B1) e (B2) implementam uma teoria dos efeitos de *blocking* dividindo a explicação desses efeitos de forma que: (B1) está no nível do morfema, e (B2) nos processos gerativos. Embick (2007) aponta que, se a análise desses fenômenos quanto aos mecanismos apontados estiver correta e puder ser generalizada, então não existe *blocking*, como definido na TL, na MD.

Para nossa análise dos PDs, adotaremos a regra exposta em (B1), a Inserção de Vocabulário.

4. Análise dos dados

Como vimos na seção 3 acima, Lobato (1999) deixa em aberto a questão de quais traços formais estão envolvidos na formação dos participios. Para termos pistas de que traços devemos considerar, além dos trabalhos que resenhamos acima, procuramos o trabalho de Anagnostopoulou (2007),⁸ onde a autora propõe o seguinte quadro para mostrar as propriedades que os participios perfeito, participio passivo e participio adjetival têm em comum e onde eles se diferenciam:

(9)

	Perfeito	Passiva	Adjetival
morphology: -en	+	+	+
stative	+	-	+
eventive	-	+	-
verbal	+	+	-
adjetival	-	-	+
passive meaning	-	+	+
active meaning	+	-	-

Procuramos também o trabalho de Embick (2000), onde o autor afirma que o fato de haver formas sintéticas *versus* formas analíticas no perfeito do latim é determinado por um traço [pass], que é: a) co-relacionado com a sintaxe de passivização, e b) inerente a certas raízes, por razões que não estão relacionadas à sintaxe da passiva.

Tendo em vista os trabalhos citados acima, neste artigo, nossa primeira tentativa considera um traço [+Ativa] e, assumindo o modelo da MD, buscamos mostrar de que forma esses (e, se necessário, outros) traços podem ser manipulados para que haja a possibilidade dos PDs figurarem nos cinco grupos distintos, apontados acima.

⁸ Handout de aula.

Para explicar a gramaticalidade do particípio irregular *ganho* na ativa, no exemplo (14a), podemos afirmar que há o apagamento do valor do traço, como mostramos em (16). Assim, os traços de *ganhado* só são compatíveis com as especificações do nó em (11a), na ativa, enquanto que os traços de *ganho* (que teve o valor para o traço [\pm Ativa] apagado – ficou subespecificado) são compatíveis com todos os nós de (11). Vejamos agora o que ocorre no Grupo C.

- (17) a. A noiva tinha **entregado/entregue** o convite.
 b. O convite foi **entregado/entregue** pela noiva.
 c. O convite acabou **entregado/entregue** (pela noiva).

(18) /-ado/ \leftrightarrow [... , ... , \pm Ativa]

(19) /Ø/ \leftrightarrow [... , ... , \pm Ativa]

Para explicar a gramaticalidade dos PDs em todos os contextos nesse exemplo, podemos afirmar que há o apagamento do valor do traço em ambos os casos, esses IV são subespecificados para o traço de ativa, como mostramos em (18) e (19). Assim, os traços desses participios são compatíveis com as especificações dadas em todos os nós terminais em (11). Para ilustrar o Grupo D, temos:

- (20) a. O menino tinha **murchado/*murchado** o balão.
 b. O balão foi **murchado/*murchado** pelo menino.
 c. O balão acabou **murchado/murchado** (pelo menino).

(21) /-ado/ \leftrightarrow [... , ... , \pm Ativa]

(22) /Ø/ \leftrightarrow [... , ... , -Ativa]

Nesse caso, há o apagamento do valor do traço [\pm Ativa] do particípio regular *murchado*, que passa, então, a ser gramatical na passiva, como em (20b), na construção com *acabar*, como em (20c), bem como na ativa, como em (20a). Já *murchado*, com um traço negativo, deveria entrar nos nós terminais em (11b/c), nas passivas e construções com o verbo *acabar*, porém, como vemos em (20b), *murchado* é agramatical na passiva com *ser*. Então, a definição dos traços em (22) é agramatical, não está correta:

(23) */Ø/ \leftrightarrow [... , ... , -Ativa]

Esse fato nos faz levantar a hipótese de que algum outro traço mais relevante está envolvido nas especificações dos nós terminais onde os PDs podem ser inseridos. Essa hipótese será discutida mais adiante. Agora, para finalizar, vemos um exemplo do Grupo E:

- (24) a. O menino tinha **cegado/*cegado** o amigo.
 b. O menino foi **cegado/cegado** pelo amigo.

c. O menino acabou **cego/cego** (pelo amigo).

(25) /-ado/ ↔ [... , ... , ±Ativa]

(26) /Ø/ ↔ [... , ... , -Ativa]

Nesse caso, há o apagamento do valor do traço [±Ativa] do particípio regular, *cego*, que passa, então, a ser gramatical nas formas passivas, como em (24b), nas construções com *acabar* em (24c), bem como na ativa em (24a). Já *cego*, com um traço negativo, só entra nos nós terminais em (24b/c), ou seja, nas formas passivas e nas construções com *acabar*.

Considerando as possibilidades lógicas de combinação dos traços temos:

(27)

Particípio Regular	Particípio Irregular	Comportamento do Grupo
+	-	A
+	±	B
±	±	C
±	-	E
+	+	*
-	-	**

* Não teria uma forma passiva, apenas ativa (não temos exemplos para essa possibilidade lógica).

** Não teria uma forma ativa, apenas passiva (não temos exemplos para essa possibilidade lógica).

Como vemos no quadro acima, não há uma combinação lógica que compreenda o Grupo D que, como vimos acima, mostra que precisaremos de mais especificações de traços para explicar o comportamento dos PDs.

4.2 Segunda tentativa: traço [±Eventivo]

Depois de considerarmos um traço de voz na primeira tentativa, observando os dados em 4.1 acima, acreditamos que um traço que traga informações sobre eventividade possa ajudar a explicar a distribuição dos PDs em nosso paradigma. Começamos agora pelo Grupo D, que trouxe problemas na primeira tentativa, para explicarmos a escolha desse traço. Na seção anterior, vimos que: /-ado/ ↔ [... , ... , ±Ativa], e */Ø/ ↔ [... , ... , -Ativa]. *Murcho* é agramatical na passiva com *ser* e na ativa, mas é gramatical na construção com *acabar*. Assim, vemos que um traço relacionado à voz não dá conta da explicação do comportamento dos PDs desse Grupo. Logo, levantamos a seguinte questão: por que esses PDs têm julgamentos diferentes mesmo em relação às formas passivas?

Para respondermos a essa questão, basta observarmos os exemplos de cada grupo na seção anterior onde vemos que em todos os grupos, exceto em D, os exemplos em *d* (*ser* + *particípio irregular*) são sempre gramaticais e os em *f* (*acabar* + *particípio irregular*) também são, de forma que esses exemplos em *f* trazem a possibilidade da leitura eventiva: *acabar sendo*. Vemos também que, em todos os grupos, os exemplos em *c* (*ser* + *particípio regular*) e *d* (*acabar* + *particípio regular*) são sempre ambos gramaticais ou ambos agramaticais, por essa razão não apresentam problemas para a primeira tentativa. Acontece que, no Grupo D, o exemplo (20b), a passiva eventiva é agramatical, mas o exemplo (20c) traz uma outra possibilidade, a leitura adjetival estativa, como vemos em (28c):

Marcando *murcho* como [-Eventiva], resolvemos o problema que esse grupo apresentava em nossa primeira tentativa. Aqui a forma regular é subespecificada, de forma que entra nos nós terminais na forma passiva, com *acabar* e na ativa. O item em (37) é agramatical na ativa, pois apresenta o traço [-Ativa], é agramatical na passiva com *ser*, pois apresenta o traço [-Eventiva], mas é gramatical com *acabar*, uma vez que o paradigma em (29c), com *acabar* é [-Ativa] e subespecificado para ao traço de eventividade, [+Eventiva], assim (37) pode ser inserido nesse nó terminal.

Para finalizar, para o exemplo em (24), do Grupo E, temos:

(38) /-ado/ ↔ [... , ... , ±Ativa, ±Eventiva]

(39) /Ø/ ↔ [... , ... , -Ativa, ±Eventiva]

A forma regular pode ser inserida na passiva, com *acabar*, e na ativa, já a irregular é agramatical na voz ativa, uma vez que apresenta o traço [-Ativa].

5. Conclusões

Essa análise corrobora os pressupostos centrais da Morfologia Distribuída, como a Inserção de Vocabulário, e traz uma nova análise formal do verbo *acabar*, como auxiliar da passiva, e dos participios duplos.

De acordo com nossos dados, não podemos fazer uma análise com base Lexicalista dizendo que a inexistência de uma forma esperada se dá pela existência de outra, pois, como vemos nos exemplos acima, ambas as formas do participio duplo existem, podem ser realizadas nos mesmos contextos, porém parece haver restrições para sua realização, em alguns casos.

O chamado processo de *blocking* visto pela MD, ou seja, realizado através do mecanismo de Inserção de Vocabulário, nos permite dizer, simplesmente, que uma forma mais especificada explicará a agramaticalidade da forma menos especificada. Como mostramos, a manipulação de traços de voz e eventividade possibilita explicar o comportamento dos PDs nos diferentes grupos.

Ainda, acreditamos que essa análise dos PDs pode corroborar nossa análise do verbo *acabar* como um verbo auxiliar,⁹ comparando-o com o comportamento de um auxiliar mais comum para a formação da voz passiva, o *ser*, e outro de voz ativa, o *ter*.

Considerando o trabalho de Lobato (1999), parece que podemos dizer que os radicais se realizam em cinco configurações diferentes, dependendo dos traços que carregam. Ainda não falamos sobre todos os traços que devem constar nos radicais, mas neste trabalho mostramos que: 1) Há alguns participios que pouco tempo atrás eram considerados PDs e hoje em dia já não formam mais PDs em PB; 2) Os PDs se dividem em cinco configurações (Grupos) diferentes, cada qual formado por um conjunto de traços diferentes com especificações para as formas regular e irregular; 3) O auxiliar *acabar* talvez possa figurar como auxiliar da passiva, diferenciando-se por sua capacidade de formar passivas estativas (com a leitura *acabar ficando*), além de passivas eventivas (com a leitura *acabar sendo*); e 4) O mecanismo de Inserção de Vocabulário da MD é um aparato teórico que pode nos permitir explicar a possibilidade das diferentes configurações dos PDs em PB.

⁹ Em trabalho futuro, pretendemos verificar se o verbo *acabar* é, de fato, um verbo auxiliar e, se for, de que tipo seria.

As perguntas que ainda ficam para trabalho futuro são: (i) há traços que especificam o radical que entra em cada grupo? Se sim: (ii) que traços são esses?; e (iii) a especificação de traços para os radicais deve ser feita de acordo com os traços do paradigma em (29)? Por exemplo, há radicais que só participam da configuração em (29a), como *secado*, outros radicais aparecem em outras ou mais das configurações expressas em (29), formando, assim, os diferentes Grupos?

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANAGNOSTOPOULOU, Elena. Participles. *EALing*, Paris, 2007. Apresenta quatro aulas e *handouts*. Disponível em: <http://www.diffusion.ens.fr/en/index.php?res=cycles&idcycle=355>. Acesso em: 13 out. 2008.

ARONOFF, Mark. *Word Formation in Generative Grammar – Linguistic Inquiry Monographs*. Cambridge, MA: MIT Press, 1976.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Revista e Ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000. 669p.

EMBICK, David. Blocking effects and analytic/synthetic alternations. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 25, p. 1-37, 2007.

_____. Features, syntax and categories in the Latin perfect. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 31, n. 2, p. 185-230, Spring 2000.

GOOGLE. Pesquisa feita pelo buscador Google entre os dias 29/10/2008 e 14/01/2009.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Some Key Features of Distributed Morphology. *MIT Working Papers in Linguistics*, Cambridge, n. 21, p. 275-288, 1994.

_____; _____. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, Kenneth Locke; KEYSER, Samuel Jay (Eds.). *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge: MIT Press, 1993. p. 111-176.

_____; NOYER, Rolf. State-of-the-Article: Distributed Morphology. *Glott*, v. 4.4, p. 3-9, 1999.

LOBATO, Lucia. Sobre a forma do participípio do português e o estatuto dos traços formais. *Delta*, São Paulo, v. 15, n.1, 1999.

MARANTZ, A. Página pessoal. Massachusetts Institute of Technology. Apresenta diversos *handouts* e textos. Disponível em: <http://web.mit.edu/marantz/Public/Handouts/>. Acesso em: 13 out. 2008.

SAID ALI, Manuel. *Dificuldades da Língua Portuguesa*. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1966. 201 p.

WLODEK, Marcin Krzysztof. O Participípio Português – Formas e Usos. *Romansk Forum*, n.17, 2003.

BIBLIOGRAFIA NÃO CITADA

EMBICK, David; NOYER, Rolf. Movement Operations after Syntax. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 32, n. 4, p. 555-595, Fall 2001.

KIPARSKY, Paul. Blocking and periphrasis in inflectional paradigms. *Yearbook of Morphology 2004*, p. 113-135, 2005.